

CVX: uma comunidade mundial em contínuo discernimento

A história da Comunidade de Vida Cristã, contada a partir de suas Assembleias Mundiais

por Rafael Riva Finatti

Quando os delegados das mais de 60 comunidades nacionais que formam a CVX estiverem reunidos em Buenos Aires, no próximo mês de julho, estará instituída a 17ª Assembleia Mundial CVX-CLC, com o tema: “Um presente para a Igreja e o Mundo”. Ali se pretende reconhecer, com profundidade e gratidão, todas as graças já recebidas pela Comunidade de Vida Cristã. Espera-se um olhar que fortaleça as bases, a fim de colocar a CVX com ainda mais abertura à serviço, conforme pede o Papa Francisco, no desafio de ser testemunhas generosas e eficazes da missão de Jesus Cristo.

Uma vez reconhecidas as graças, a Assembleia de Buenos Aires será também bastante oportuna para refletir e avaliar se, ao longo dos últimos 50 anos, a Comunidade de Vida Cristã tem mesmo cumprido a finalidade definida em seus Princípios Gerais: “seguir a Jesus Cristo mais de perto e trabalhar com Ele para a construção do Reino (...) e trabalhar pela justiça por meio de uma opção preferencial pelos pobres e de um estilo de vida simples que expresse nossa liberdade e nossa solidariedade com eles”¹. Tal avaliação levará em conta uma história repleta de presentes, com uma tradição que foi cultivada, discernida, aprimorada e transmitida com responsabilidade e fidelidade – a qual temos o dever de dar a conhecer, “para que aqueles que buscam esta maneira de seguir a Cristo e que se identificam com esta vocação possam encontrá-la e ter acesso a ela”².

As dimensões fundamentais do Carisma da CVX, por exemplo, são presentes que foram forjados através da história das Assembleias. São “três pilares” – Espiritualidade, Comunidade e Missão – que precisam estar vivos e integrados, reforçando-se contínua e reciprocamente e expressos na vida de cada cevequiano, de cada comunidade e de todo o Corpo. Na busca por este equilíbrio dinâmico, as Assembleias Mundiais sempre foram importantes para reunir e dar direção às comunidades nacionais, regionais e locais. Em Buenos Aires, a graça desejada é justamente uma maior profundidade e integração para viver estas dimensões fundamentais do estilo de vida CVX.

Origens históricas

É difícil estabelecer com precisão quando exatamente começa a história da Comunidade de Vida Cristã: poderia ser o ano de 1521, se considerado o processo de conversão de Inácio de Loyola; 1534, quando Inácio e seus companheiros fundam a Companhia de Jesus; ou 1540, ano da aprovação pontifícia da Companhia. Todavia, ainda que estes marcos históricos tenham sido importantes, a principal referência para as comunidades leigas inacianas é 1563, quando foi fundada a “Prima Primaria”, primeira comunidade de estudantes com o objetivo de viver o carisma inaciano como leigos. Eram jovens do Colégio Romano reunidos pelo jesuíta belga Jean Leunis para integrar as dimensões de suas vidas aos estudos acadêmicos e à fé cristã e, ainda, preparar-se para as atividades apostólicas da cidade de Roma, inspirados pela vocação de Maria.

Aquelas então denominadas “Congregações Marianas”, oficialmente aprovadas pelo Papa Gregório XIII em 1584 como a primeira associação de leigos na Igreja, se multiplicaram pelo mundo junto com a Companhia de Jesus, sempre marcadas por uma intensa vida espiritual e comunitária e um ativo compromisso apostólico. As Regras Comuns, estabelecidas em 1587, asseguravam unidade para o desenvolvimento dinâmico das Congregações, que assim se propagaram amplamente nos dois séculos seguintes não só entre estudantes, mas também com advogados, juízes, militares, oficiais do governo, comerciantes e outros segmentos da sociedade.

Em 1773, quando o Papa Clemente XIV suprimiu canonicamente a Companhia de Jesus e todos os seus trabalhos apostólicos, existiam aproximadamente 2.500 grupos de congregados marianos. Após a supressão, estes grupos passaram a ser acompanhados pelos bispos locais e permaneceram assim mesmo com a restauração da Companhia (1814), sem parar de se multiplicar, porém se desenvolvendo como um movimento massivo de devoção à Maria e chegando ao número de quase 80 mil congregações na primeira metade do século XX.

¹ Cf. *Princípios Gerais da Comunidade de Vida Cristã*, in: *Carisma CVX e Outros Documentos*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. pp. 12-13.

² Cf. *Projectos 169*, publicação do ExCo da CVX-CLC.

Por quase 150 anos, portanto, a ligação das Congregações Marianas com sua essência foi quase extinta. Em 1922, iniciou-se um processo de renovação, a partir de um encontro convocado pelo P. Ledóchowski, Superior Geral da Companhia, do qual participaram 40 jesuítas de 19 países, que tinham algum envolvimento com as Congregações. O encontro definiu a criação de um Secretariado Central em Roma, a serviço dos jesuítas e das CC.MM, a fim de manter acesa a chama da renovação – que se fortaleceu em 1948, quando o Papa Pio XII promulgou a “Bis Seaculari” e deu um impulso ainda maior ao processo. Esta Constituição Apostólica tratava da missão do leigo e, entre outras coisas, clamava que os congregados marianos voltassem às suas origens inacianas. Para tornar a “Bis Seaculari” concreta e garantir um contato internacional maior entre os grupos, o Secretariado Central encabeçado pelo P. Louis Paulussen, SJ, elaborou os Estatutos da organização que, em 1953, seria confirmada pelo Papa como Federação Mundial das Congregações Marianas.

O Ano Santo Mariano de 1954 foi a ocasião ideal para que o Secretariado Central da Federação recém-criada organizasse um Congresso Mundial. O local escolhido não poderia ter sido mais apropriado: a Universidade Gregoriana, continuação do Colégio Romano onde, quase 400 anos antes, tudo havia começado. “O congresso organizado com a ajuda de nossos amigos italianos foi simplesmente maravilhoso, uma explosão de alegria e entusiasmo”, conta o P. Paulussen³. A histórica primeira Assembleia Mundial das Congregações Marianas, porém, resumiu-se a uma reunião simples de aproximadamente duas horas, no meio do Congresso, onde com alguma improvisação foram organizadas as eleições para o Conselho Executivo da Federação.

A partir dali, muitas Congregações Marianas de diversos países entusiasmaram-se por buscar suas raízes originais. Este movimento resultou em uma segunda Assembleia Mundial, em Newark (EUA), com avanços consideráveis, já que todos os delegados de cada federação nacional manifestaram o desejo de uma renovação séria e rápida, alinhada à inspiração original inaciana. Imbuídos deste espírito, os congregados incumbiram o Secretariado Central, ainda liderado pelo holandês Paulussen, de preparar novas Regras Comuns. Era o primeiro passo para os “Princípios Gerais”.

Regressei à Roma com este mandato, mas também com um problema. Até então, apenas o Superior Geral da Companhia tinha autoridade para elaborar novas regras comuns. Esta norma já estava superada com a fundação da Federação Mundial, mas juridicamente ainda valia. Informei ao P. Janssens⁴ (...) Sua reação foi: “se todos estão de acordo, prossiga”. Desta maneira, P. Janssens reconhecia a autonomia da Federação Mundial, oito anos antes da aprovação das novas estruturas jurídicas⁵.

Ao final daquele ano, 1959, o Secretariado Central já tinha um primeiro projeto das novas regras comuns enviado às federações, secretariados e centros de congregados marianos no mundo todo. Iniciou-se ali um diálogo internacional bastante rico, cheio de intercâmbio de experiências, que durou até 1964, quando as novas regras comuns já estavam praticamente prontas e as Congregações Marianas se reuniram novamente em Assembleia Geral, desta vez em Bombay, na Índia.

Naquele momento, porque os bispos da Igreja estavam reunidos no Concílio Vaticano II, a Assembleia preferiu postergar a publicação das regras, de forma que estivessem plenamente alinhadas às deliberações conciliares. Melhor assim: nos anos seguintes, refinou-se ainda mais o texto, com novas sugestões e propostas que serviram para simplificar a redação, que seria aprovada na Assembleia Geral reunida em Roma, em 1967. Pela primeira vez na história, as Congregações Marianas formulavam seus próprios documentos – uma renovação que significava um novo início para o movimento.

Uma nova identidade

A 4ª Assembleia Geral da Federação Mundial das Congregações Marianas, em Roma, foi renovadora: os 140 delegados, dos 38 países, votaram pela aprovação das novas regras comuns, ali chamadas de Princípios Gerais; por novos Estatutos; e por novas normas jurídicas que reconheceram a independência, a unidade e a autenticidade da Federação Mundial.

Mas não só: Roma’67 definiu também uma nova identidade para o movimento.

Afinal, se o papel que as Congregações Marianas desempenharam na formação dos leigos e ao serviço do Reino em mais de 400 anos de história foi tão importante, também era certo que aquele nome já não era mais

³ PAULUSSEN, Louis. *Dios trabaja asi*, in: Suplemento de Progressio, n. 14, Junio 1979. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 41.

⁴ P. Jean-Baptiste Janssens, belga, foi o 27º Superior Geral da Companhia de Jesus, entre os anos de 1946-1964.

⁵ PAULUSSEN, L, op. cit., pp. 42-43

apropriado, pois criava equívocos e alguma confusão. “Havia um sentimento quase unânime de que um novo começo com os Princípios Gerais seria muito mais fácil com um nome novo e atrativo”, recorda⁶ Ingeborg von Grafestein, à época delegada da federação alemã.

Dentre as várias sugestões que foram dadas, uma agradou à maioria: “Comunidades de Vida Cristã”, ou simplesmente CVX (em latim, ou CLC, da sigla em inglês), inspirada em “Associación de Vie Chétienne”, nome que já vinha sendo usado anos antes pelas congregações francesas, fortemente marcadas pelos exercícios espirituais e a espiritualidade inaciana. A nova identidade não deixava de lado a vocação mariana, pelo contrário: somado ao texto dos Princípios Gerais ali aprovado, o novo nome procurava inspirar um amor ainda mais profundo e interior à Nossa Senhora, mais alinhado à visão do Concílio Vaticano II, de uma Maria totalmente integrada à história salvífica de Jesus Cristo.

E como apenas o nome não garante a identidade, outro legado da Assembleia de Roma de 1967 foi se propor a debater o papel dos Exercícios Espirituais no estilo de vida e na missão de cada um. Hoje pode ser estranho imaginar uma CVX que não reconheça como fonte a espiritualidade inaciana. À época, porém, apenas uma pequena minoria das pessoas havia tido a oportunidade de experimentar os Exercícios de Santo Inácio. “Um bom número de delegados não tinha ideia do que os EE.EE poderiam lhes proporcionar. Por isso, para mim foi um verdadeiro milagre o voto favorável ao PG5, que assegurava os Exercícios Espirituais ‘fonte específica’ e ‘instrumento característico de nossa espiritualidade’”, lembra a delegada alemã⁷.

O entusiasmo de 1967 rendeu frutos. No dia 25 de março do ano seguinte, o Papa Paulo VI confirmou os Princípios Gerais para um período experimental de três anos, que em 1971 viriam a ser aprovados definitivamente pela Santa Sé. Em paralelo a isso, houve uma maior demanda por formação e experiências inacianas: tendo reconhecido sua identidade própria, os membros das Comunidades de Vida Cristã buscaram mais a experiência dos Exercícios e do acompanhamento espiritual; e, também, cursos de aprofundamento sobre a pedagogia inaciana, o discernimento contínuo e a disponibilidade para a missão.

Não obstante, a CVX nascente também foi colocada à prova. A Assembleia seguinte, por exemplo, realizada em 1970 em Santo Domingo, na República Dominicana, foi marcada por muita tensão entre os membros – houve um “racha” entre os grupos latino-americanos e o restante das comunidades nacionais. Mas não só: a ferramenta de discernimento comum adotada para a tomada de decisões durante a Assembleia simplesmente não deu certo. Para completar, quatro federações nacionais anunciaram sua renúncia da Federação Mundial.

Em resumo, o encontro no caribe foi uma verdadeira catástrofe, mas representou um grande aprendizado: a identidade apenas definida em Roma carecia de alicerces mais firmes para se sustentar. Estava na hora de a CVX trabalhar pacientemente a concepção e a internalização de seu tripé (espiritualidade-comunidade-apostolado). Ou melhor, a CVX em si não trabalharia, mas sim, inacianamente, deixar-se-ia conduzir pelo Espírito Santo – como de fato aconteceu, ou melhor, já vinha acontecendo.

A valorização da espiritualidade (1954-1976)

Desde a primeira Assembleia Geral, em 1954, por conta da convocação de Pio XII em 1948 (*Bis Saecularis*) e do desejo de voltar à essência das Congregações Marianas para assim retomar a importância da espiritualidade inaciana, todas os primeiros encontros presenciais nunca deixaram de dar orientações a respeito dos Exercícios Espirituais. Entre as resoluções finais da Assembleia de Newark (1959), por exemplo, estava a recomendação dos Exercícios de 30 dias, “para melhor promover a maior glória de Deus”.

A Assembleia de Bombay (1964), por sua vez, solicitava ao Secretariado de Roma a criação de um Centro de Espiritualidade Inaciana e a organização de congressos internacionais específicos sobre o tema (o primeiro aconteceu em Loyola, em 1966). Mesmo em Santo Domingo (1970), num contexto de conflito e alguma desolação, ficaram registradas sugestões como a de “buscar novas formas de retiros individuais e em comunidade e novos métodos para revelar os Exercícios aos membros, particularmente aos recém-chegados em nossos grupos (...)”⁸.

⁶ GRAFESTEIN, Ingeborg v. *Caminando va – Como viví el paso de la Congregación Mariana a Comunidades de Vida Cristiana en Roma 1967*, in: Suplemento de Progressio, n. 69, Julio 2013. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 29.

⁷ Ibid.

⁸ PAULUSSEN, Louis. *Fieles a nuestros origenes*, in: Revista Progressio, ano 51, n. 4-5, Julio-Septiembre 1982. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 26.

A 6ª Assembleia Mundial, realizada em 1973 em Augsburg, na Alemanha, foi ainda mais enfática no reforço à espiritualidade inaciana: elegeu os Exercícios Espirituais como a “prioridade das prioridades” ao entender que a dinâmica dos Exercícios deveria ser integrada à vida do membro CVX (desejos, pensamentos, ações, etc). Na verdade, mais que isso: o encontro em terras alemãs foi bastante assertivo e não se resumiu a apenas deliberações. Com o tema “CVX, uma comunidade a serviço da liberação de todo o homem e de todos os homens”, a Assembleia foi precedida pela primeira vez por um curso internacional de duas semanas, do qual participaram a maioria absoluta dos 170 delegados oriundos de 40 países. Assim, todos puderam experimentar ao mesmo tempo um programa de formação (que oferecia um modelo de formação para os níveis locais e nacionais) e familiarizar-se como membros de uma comunidade mundial.

Três anos depois, a Assembleia de Manilla, nas Filipinas, repetiu a fórmula de Augsburg e reuniu os delegados em cursos de formação não só antes da programação oficial, como também depois de encerrada a Assembleia propriamente dita. Tais momentos formativos foram marcados por experiências de inserção social nos bairros de Manilla e, também, de Exercícios Espirituais. “A conexão imediata entre formação e serviço com uma opção clara a favor dos pobres, mais que um tema de discussão, foi uma experiência concreta que marcou os delegados, a Assembleia e os processos locais e nacionais”, registrou Daniella Frank⁹, presidente da CVX entre os anos de 2003 e 2013. Isto porque a CVX vivia um momento fundamental de buscar situações concretas que oportunizassem um melhor processo de crescimento espiritual individual – e, conseqüentemente, comunitário – à luz da dinâmica dos EE.EE de Santo Inácio, para responder às necessidades dos tempos e melhor colaborar na construção do Reino de Deus.

As CVX são conscientes de terem descoberto sua especificidade no caminho dos Exercícios Espirituais e o confirmam. Confirmam também a orientação tomada pelo Conselho Geral de Augsburg’73, em prol de um compromisso pela liberação de todo o homem e de todos os homens. Mas a continuação disso se combina no presente com uma opção mais ampla a favor de uma preferência pelos pobres, que deve traduzir-se em uma inserção concreta e em um serviço com e pelos pobres¹⁰.

A espiritualidade inaciana havia, enfim, assumido (ou reassumido, melhor dizendo) o posto de fonte essencial para o estilo de vida CVX. A partir dali, passaria a ser preciso dedicar-se à prática constante da oração e, como Inácio, contemplar Deus na ação, unindo-se a Deus em todas as coisas, ordenando toda a vida – e a vida da comunidade, por extensão – a seu serviço.

Uma só comunidade (1979-1982)

Uma vez melhorada a questão identitária, o foco das Comunidades de Vida Cristã, sempre guiadas pelo Espírito (para ninguém achar que toda essa construção foi planejada ou absolutamente consciente), foi estruturar-se. Provocada pelas profundas reflexões que ainda ecoavam desde Manilla, a Assembleia de 1979, novamente em Roma, percebeu a necessidade de ir além da formação – o objetivo era promover uma maior integração entre os cevequianos. De forma bastante concreta, aliás, esta foi a principal decisão tomada ali: fazer das CVX uma comunidade mundial, a serviço de um só mundo. Frente a este mistério (afinal, como tornar-se uma única comunidade, ante tantos contrastes e tanto ainda a construir?), o presidente eleito em Roma, Tobie Zakia (França/Líbano), recordou o Salmo 126: “Se o Senhor não edifica sua casa, em vão trabalham seus construtores”.

Chegar a esta resolução, porém, não foi nada fácil. Nos oito primeiros dias da programação, a 8ª Assembleia Mundial havia se proposto a ver e aprofundar a própria experiência do Carisma CVX, observando a realidade da CVX no mundo todo em seus diferentes níveis e o desafio de servir a este mundo, especialmente nos países em desenvolvimento. A fase final da Assembleia, idealizada com coragem pelo Conselho Executivo, constituía um processo de discernimento minucioso, com o objetivo de responder à pergunta: “Devemos nos lançar agora ativamente à convertermo-nos em uma comunidade mundial?”.

O primeiro passo do discernimento foi rezar os motivos pelos quais dizer NÃO à pergunta proposta. Depois, todos rezaram os motivos pelos quais dizer SIM. Na sessão plenária, foram apresentadas as dezenas de razões para negar e para aceitar a proposta – um verdadeiro muro das lamentações, no primeiro caso, que deixou o ambiente pesado e depressivo. O próximo passo consistia em partilhas em grupos, para então cada delegado

⁹ FRANK, Daniella. *450 años de las Comunidades Laicas Ignacianas – 45 años de la Comunidad de Vida Cristiana: un largo camino desarrollando y profundizando nuestra identidad específica*, in: Suplemento de Progressio, n. 69, Julio 2013. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 18.

¹⁰ Cf. *Orientações e Perspectivas da Assembleia*, in: Revista Progressio, ano 45, n. 5-6, Septiembre-Noviembre 1976. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 32.

chegar à sua conclusão pessoal, sempre em oração. As novas ou renovadas decisões foram enfim compartilhadas entre os delegados de cada federação nacional e os votos anunciados e computados em plenária: 23 a favor, 7 contrários, 6 abstenções.

Depois da votação ficou no ar uma espécie de silêncio de atordoamento. A Assembleia Geral havia dito SIM. Era um claro SIM, mas também um SIM humilde, não isento de reserva e de temor. O silêncio momentâneo reconheceu isto. Logo chegou a ovação. E depois a canção. Era o momento da Comunidade Mundial. Um momento de alegria. E de reflexão¹¹.

Era evidente que a Assembleia avançara em relação a um compromisso comum muito mais profundo do que o expressado pela palavra “federação”, mas nem todas as comunidades estavam convencidas disso. Em 1982, foi diferente. Reunida em Providence (EUA), a 9ª Assembleia Mundial focou em assimilar o “desafio de ser uma Comunidade Mundial em missão para promover a justiça”, isto é, apostou numa espécie de repetição inaciana com o propósito de confirmar a decisão tomada três anos antes. O processo de discernimento, concluído no sexto dia de Assembleia, foi inclusive muito parecido com o processo proposto em Roma. Mas o resultado foi bem mais consolador: 37 delegações manifestaram sentir-se chamadas à conversão em uma Comunidade Mundial, enquanto apenas 2 se abstiveram – não houve votos contrários.

Os dias seguintes à votação foram dedicados a pensar em como tornar concreta a decisão adotada. Muitas ideias surgiram e resultaram num documento de mais de 11 páginas, com instruções para a implementação em todos os níveis, do local ao mundial. O mais importante, porém, foi garantir o melhor entendimento do que significava passar de Federação para Comunidade Mundial CVX: não uma mudança de estrutura, mas sim, um novo espírito, o de compartilhar uns com os outros buscando o bem maior para todos. “Este espírito de koinonía tende sempre – como todo espírito – a moldar-se em estruturas, que por sua vez expressem e fomentem este mesmo espírito. Este é o desafio e a responsabilidade da decisão de Providence”, explicou o P. Juan Ochagavía, SJ¹².

A estrutura necessária à missão (1986-1994)

Tendo assimilado melhor a realidade da Comunidade única, a CVX passou a perceber sua missão, pela primeira vez, como uma “missão comum”. Por isso, era natural que a Assembleia de Loyola, realizada em 1986 com delegados de 50 países, focasse no apostolado: “Maria, Modelo de nossa Missão” era o tema. Porém, pode-se dizer que parte do sucesso da 10ª Assembleia Mundial se deu em razão do local escolhido: era inspirador imaginar o pequeno Íñigo correndo e escalando os imponentes montes da região, bem como era comovente lembrar do homem que se converteu enquanto se reestabelecia da ferida na perna e que, montado em sua mula, dirigiu-se à Aranzazu, onde colocou sua vocação aos pés de Nossa Senhora.

Neste marco, a Assembleia foi conduzida pelo Espírito a uma reafirmação da identidade CVX, enraizada nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que em alguma medida são também uma peregrinação. Somos peregrinos chamados a caminhar com o Cristo, pobre e humilhado, para segui-lo na missão segundo o modelo de Maria. (...) Loyola, em certo sentido, ajudou a ver o que hoje significa ser comunidade leiga e a vislumbrar novos desafios que se apresentam a este respeito. Nossas estruturas, nossa forma de proceder, nossa forma de conseguir o dinheiro para nossos projetos, nosso estilo de deliberação, nossas formulações jurídicas, devem encaminhar-se cada vez mais em direção a uma autêntica comunidade mundial, unida por um estilo de vida comum e por uma missão própria¹³.

Além desta experiência mística, a Assembleia de Loyola finalizou com recomendações bastante concretas, como a criação de uma equipe internacional de formação e o desenvolvimento de programas de inserção em realidades pobres e de mecanismos de solidariedade para com os que vivem em situações de permanente tensão e perigo. Neste âmbito mais prático, ainda aprovou emendas propostas para os Princípios Gerais, como forma de melhor adequá-los à nova realidade de Comunidade Mundial. Tais emendas formaram parte de novos textos, Princípios Gerais e Regras Gerais, apresentados e aprovados em 1990, na 11ª Assembleia Mundial, em Guadalajara – e oficializados pelo Conselho Pontifício para os Leigos em dezembro daquele ano.

No México, os delegados da CVX foram convidados a dar sequência às graças de Loyola, refletindo mais profundamente a respeito de sua condição de estar a serviço do Reino como uma comunidade leiga, inaciana e

¹¹ TABORA, Joel. *Hacia una comunidad mundial al servicio de un solo mundo*, in: Revista Progressio, ano 48, n. 5-6, Septiembre-Noviembre 1979. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 73.

¹² OCHAGAVÍA, Juan. *Significado del paso de Federacion a Comunidad Mundial CVX*, in: Suplemento de Progressio, n. 20-21, Noviembre 1982 - Abril 1983. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 60-61

¹³ REYES, José. *Introducción*, in: Revista Progressio, ano 55, n. 5-6, Septiembre-Noviembre 1986. Roma: Comunidade de Vida Cristã. pp. 2-3.

missionária na Igreja, com um profundo sentido de missão e, cada vez mais, com uma maior implicação comum para com esta missão. Os frutos desta reflexão, novamente, foram registrados na forma de recomendações a serem tocadas pelo Conselho Executivo eleito: investimentos na comunicação, formação, desenvolvimento de laços comunitários mais fortes, finanças e recursos, desenvolvimento de modelos para a missão comunitária, etc.

Em resumo, o legado de Guadalajara'90 foi justamente ter conseguido renovar os Princípios e Normas Gerais à luz das reflexões e recomendações da Assembleia, o que significa manter vivos os documentos para que eles sejam a base – e também reflitam – as ações da Comunidade Mundial que se coloca a serviço do Reino.

Findadas as demandas jurídicas, a 12ª Assembleia CVX-CLC realizada em Hong Kong no ano de 1994 se propôs a ser o encerramento de uma fase de estruturação da Comunidade Mundial. Os 160 delegados e observadores dos 59 países reunidos trataram do tema “CVX – Comunidade em missão” através de um exame de consciência da missão no nível comunitário e assim perceberam como o Senhor chama a todos a uma profunda e contínua conversão em relação à missão:

Enquanto Comunidade Mundial, devemos buscar uma maior integração da realidade social, seus problemas e desafios, em tudo o que fazemos. (...) A graça que nos é dada aqui e agora é a consciência de ser comunidade chamada a estar com Ele, e a ser por Ele enviada a um mundo dividido e que sofre. Seu Espírito que preside a história nos move e impulsiona a estar atentos aos sinais dos tempos e a fazer de nossa experiência espiritual um serviço constante e humilde para a construção da justiça e da paz. Tudo isso deve ser vivido não com palavras, mas com ações e na verdade. Pois assim é o amor que nos ensina Inácio nos Exercícios Espirituais, fonte e instrumento dessa espiritualidade missionária, que é a graça maior de nossas vidas¹⁴.

Não obstante, os delegados de HK'94 ainda trabalharam muito em grupos e através de pequenos workshops. Propuseram uma série de prioridades, bem como programas e ações concretas, diante das constatações (resultantes do Exame de Consciência realizado) de que os EE.EE, como estavam sendo utilizados na maioria dos países, não promovem uma análise crítica da realidade social; de que a maioria dos programas de formação não leva a uma compreensão da realidade e nem a um compromisso para com ela; e de que é necessário criar redes de colaboração para melhorar o sentido comunitário e a eficácia na missão.

Foram feitas propostas para a formação de assessores e de acompanhantes espirituais, para o trabalho com os jovens e com as famílias, para a vocação profissional, o compromisso sócio-político e a justiça social. Como nas Assembleias anteriores, todas as petições eram muito interessantes; contudo, conforme ponderou o então presidente mundial Brendam McLaughlin (CVX Irlanda), novamente recaíam sobre um Conselho Executivo (ExCo) pequeno e incapaz de colocar em prática muitas daquelas coisas, simplesmente por não dispor de tempo exclusivo e suficiente para isso – um problema complexo, que viria a ser tratado nas Assembleias seguintes...

Missão comum (1998)

O termo “missão comum” já havia sido ventilado de alguma maneira ao longo dos anos 80 e início dos 90. Mas foi depois da Assembleia de Hong Kong que o tema passou a ser pauta frequente em toda a Comunidade Mundial – ainda que sem grande aprofundamento. Por isso, coube aos delegados dos 54 países que vieram ao Brasil em 1998 para a 13ª Assembleia Mundial, em Itaici, o processo de estudo que resultou no documento intitulado “Nossa Missão Comum”, contendo uma vasta gama de critérios e orientações para o serviço e a missão da CVX em seus diversos níveis.

A aprovação de um documento assim só foi possível graças ao encaminhamento prévio dado pelo ExCo, para que as comunidades nacionais levassem à Assembleia as suas reflexões acerca de para onde o Senhor chama a CVX, quais as necessidades mais urgentes e que passos dar para colocarmos em prática uma missão concreta enquanto comunidade mundial. Essas reflexões prévias foram a matéria-prima das quatro oficinas realizadas ao longo da Assembleia (Crescimento na vida cristã, Cristo e a cultura, Cristo e a realidade social e Cristo e a vida cotidiana), que facilitaram e direcionaram o processo de discernimento, concluído com muitas descobertas e uma versão final do documento apenas no nono dia de encontro. Diz o documento:

O processo nos levou a descobrir três áreas de missão e um conjunto de meios necessários para realizá-la: primeiro, desejamos trazer à nossa realidade social o poder libertador de Jesus Cristo; em segundo lugar, desejamos encontrar a Jesus Cristo em toda a variedade de culturas, permitindo que sua graça ilumine tudo o que demanda transformação;

¹⁴ Cf. *La Gracia de Hong Kong*, in: Revista Progressio, n. 2-3-4 1994. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 130.

em terceiro lugar, desejamos viver unidos a Jesus Cristo para que Ele possa entrar em todos os aspectos de nossa vida ordinária no mundo. Estas três áreas de missão foram iluminadas pela fonte espiritual que nos alimenta e nos fortalece para a missão: os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que nos ajudam a crescer na vida cristã. Além disso, devemos atender nossa própria formação para a missão, de maneira que nossa comunidade possa chegar a ser um instrumento mais eficaz de serviço¹⁵.

O texto final, claro, não só tem muitos detalhes e sugestões concretas (para a Comunidade Mundial, não exclusivas ao ExCo) a respeito de cada uma das áreas de missão identificadas, como também disserta sobre os meios para a missão: EE.EE, Formação, Colaboração (com a Companhia, principalmente) e Finanças (corresponsabilidade financeira). Com isso, após a Assembleia realizada no Brasil, “muitas comunidades nacionais empreenderam novas iniciativas apostólicas e revisaram as já desenvolvidas por alguns de seus membros a título pessoal ou pelas comunidades, tendo em vista o documento”, conta Daniella Frank¹⁶.

Qualificando o estilo CVX de atuar (2003-2008)

Se Itaiçi'98 representou um avanço importante em relação à missão comum, unindo a comunidade mundial em torno de direções um pouco mais claras de atuação, por outro lado ainda não respondia ao anseio de como viver esta missão. Tal questão foi melhor elucidada cinco anos depois em Nairóbi, no Quênia, onde foi possível confirmar o chamado para vir a ser um corpo apostólico que compartilha a responsabilidade na missão dentro da Igreja. Ali foram definidos os quatro passos do modo de proceder característico da CVX¹⁷, denominados “polinômio apostólico”: discernir, enviar, acompanhar e avaliar.

O “DEAA” entende que, seja num pequeno grupo, seja no âmbito local, regional, nacional ou mundial, a comunidade deve discernir junto com o membro CVX as chamadas recebidas; feito o discernimento, enviá-lo em missão (o que significa dar-lhe apoio espiritual e material, se necessário); acompanhar da melhor maneira o que está sendo realizado; e, ao final (ou a cada período de tempo) avaliar, num processo que pode ser tanto único quanto cíclico. Tal dinâmica transforma o apostolado individual em “missão comum”, uma vez que toda a comunidade compartilha da responsabilidade por aquele serviço que está sendo prestado em prol do Reino de Deus.

Mas o legado de Nairóbi não se restringiu apenas à concepção do polinômio apostólico. O documento final ofereceu à Comunidade Mundial recomendações expressas quanto à responsabilidade de todos para com a formação dos membros para a missão e, também, de lideranças incianias. Ainda, tratou de aspectos estruturais relativos às dimensões mundial e nacional, de forma a facilitar a vida e a atuação da CVX enquanto corpo apostólico.

Tudo isso pautou a 15ª Assembleia Mundial, realizada no ano de 2008 na cidade de Fátima, em Portugal. A revisão do caminho percorrido desde 2003 foi traduzida pelo tema “Avançando como Corpo Apostólico: Nossa resposta a esta graça de Deus”, que serviu para confirmar o que havia sido vivido e definido em Nairóbi. A Assembleia reconheceu, por exemplo, a dinâmica do DEAA praticada em todos os níveis como o meio para construir o corpo apostólico; e a “unidade na diversidade”, como característica da comunidade e carisma CVX e instrumento poderoso para a missão. Ainda, assumiu a responsabilidade de, enquanto comunidade de leigos, ser mais profética, num tempo em que o individualismo e as diversas circunstâncias históricas e sociais afastam as pessoas dos compromissos para com os outros.

Tomamos consciência de que a nossa maneira de viver nossa vocação torna-se um sinal profético para outros, como por exemplo em áreas como a vida familiar, a dignidade da criação e o meio ambiente, ou no sentir com a Igreja. Nos sentimos chamados a uma maior identificação com a missão de Cristo para trazer a Boa Nova para aqueles que são “excluídos” ou “estranhos”, especialmente compartilhando com eles a experiência dos Exercícios Espirituais e convidando-os a se juntarem a nossas comunidades. E percebemos a necessidade urgente de ampliar e aprofundar redes de discernimento e ação conjunta em todos os níveis - especialmente promovendo nossa colaboração com a Companhia de Jesus¹⁸.

Das raízes às fronteiras: um testemunho pessoal (2013)

¹⁵ Cf. *CVX: Uma Carta de Cristo Escrita por El Espíritu Enviada al Mundo de Hoy*, in: Revista Progressio, n. 1-2-3-4, 1998. Roma: Comunidade de Vida Cristã. p. 131.

¹⁶ FRANK, D., op. cit., p. 21.

¹⁷ Estabelecido em Nairobi, o ideal do Polinômio Apostólico ainda é um desafio para os cevequianos, já que pressupõe grande abertura para que a comunidade possa se envolver nos apostolados individuais de cada membro CVX. Ainda assim, constitui um dos grandes diferenciais do estilo de vida CVX.

¹⁸ FRANK, D., op. cit., p. 23.

Como se vê, participar de uma Assembleia Mundial da CVX é uma grande graça. Eu estava no lugar certo (coordenação da CVX Regional Sul) e na hora certa (no ano em que o conselho executivo nacional do Brasil passava por uma crise, após ter sido reconduzido por mais um ano, depois de dois mandatos consecutivos, por falta de candidatos à coordenação – justamente um dos pontos-chave levantados por Nairóbi e confirmados por Fátima, a questão da formação de lideranças) quando fui convidado por José Batista Sobrinho, coordenador da CVX Brasil em 2013, a ser delegado na Assembleia Mundial de Beirute, no Líbano, em julho daquele ano.

Foi um privilégio. Afinal, não era “apenas” a 16ª Assembleia. Era o jubileu dos 450 anos das Comunidades Leigas Inacianas, nossas raízes, a serem comemorados em terras pelas quais o próprio Cristo havia passado e que, naquele momento, viviam um contexto de bastante solidariedade em virtude da guerra civil na Síria. A união de corações, no sofrimento e na esperança, foi a tônica de um encontro no qual tantas línguas se traduzem em um idioma comum a todos: a espiritualidade inaciana.

A Assembleia de Beirute representou o arredondamento de ideias que ainda não estavam totalmente claras – como o próprio conceito de Missão Comum, melhor exemplificado pelo Secretário Executivo Franklin Ibañez, através de uma representação gráfica simples: um iceberg, na base do qual (e submersas) estão a vida profissional e familiar de todos os membros, bem como os apostolados individuais de muitos; e acima da superfície, visíveis, as estruturas apostólicas e de governo que dão visibilidade à CVX e, em último nível, o *advocacy* transformador das realidades socioambientais com as quais nos deparamos, como por exemplo a presença institucional da CVX na ONU.

Na ênfase por enxergar a missão e serviço a Deus do cevequiano em sua vida cotidiana, a Assembleia de 2013 também ressaltou a inspiração mariana, com sua linguagem da sabedoria, muito adequada para os desafios atuais; e a necessidade de colaborar, especialmente com a Companhia, inspirados na contemplação da Santíssima Trindade, da primeira semana dos Exercícios. Por fim, Beirute ousou traçar campos concretos de atuação para toda a Comunidade Mundial, as quatro fronteiras: Família, Globalização e Pobreza, Ecologia e Juventude; e de maneira inédita, aprovou verbas e o envio de missionários a um apostolado comunitário, na Amazônia, que congrega justamente ações nas quatro fronteiras estabelecidas – marcos importantes, para uma CVX que segue amadurecendo.

Expectativas para Buenos Aires

A história contada a partir das Assembleias Mundiais relativiza um pouco a importância fundamental dos períodos entre Assembleias, que é justamente quando aquilo que foi deliberado passa a ser (ou não) realidade na vida de cada comunidade e de cada membro da CVX no mundo todo. Muita coisa aconteceu desde julho de 2013 – são cinco anos, afinal! Por isso, a principal expectativa é a de que o encontro em Buenos Aires, em julho de 2018, possa colocar luz a tudo o que de bom foi realizado.

Certamente, claro, não faltaram dificuldades. Mas olhar para os últimos 50 anos permite perceber que, apesar dos percalços, houve evoluções importantes. A CVX evoluiu e seguirá assim, sempre em busca do *magis*. O mundo oferece seus desafios e é preciso ter esperança e responsabilidade pelos dons recebidos. “Confiar em tudo o que nos foi dado, vivê-lo em plenitude integrada desde a nossa comunidade, espiritualidade e vocação apostólica e oferecer isso ao mundo. A quem muito se dá, muito se pedirá. E a CVX recebeu muito... muitíssimo! É o momento de levar ao mundo com mais coragem e valentia”¹⁹.

¹⁹ OROPEZA, Mauricio López. *Convocatoria a la Asamblea Mundial Buenos Aires*. Carta n. 4 del presidente a la comunidad mundial CVX. Quito, maio de 2017.